

VISÃO DO CORREIO

É urgente um pacto efetivo contra a violência de gênero

Bastaram 120 minutos para que fosse registrado o primeiro feminicídio deste ano. Aline Rodrigues de Souza, 27 anos, foi assassinada, na frente dos filhos, pelo ex-namorado, no município mineiro de Bom Repouso. Um enredo de violência que dá continuidade a um 2025 também letal — com média de quatro mortes por dia. Outras 33.993 mulheres foram estupradas ao longo do ano passado, segundo o Observatório da Mulher, vinculado ao Senado Federal. Esse tratamento vil dos homens às mulheres exige definitivamente um combate coletivo.

Em entrevista ao **Correio Braziliense**, a ministra das Mulheres, Márcia Lopes, anunciou que, neste ano, serão investidos R\$ 280 milhões e implantadas 29 Casas da Mulher Brasileira em várias regiões do país, uma delas no Distrito Federal. Nesse mesmo sentido, o de reforçar o pacto de combate à violência de gênero, o **Correio** promoverá, no próximo dia 27, um evento sobre a urgência do enfrentamento coletivo a práticas do tipo.

A ruptura tem que ser na base. “Não deixe chegar ao fim da linha, ligue 180”, orientou a ministra, para que os maus-tratos não cheguem ao feminicídio. Há agressões psicológicas, por meio de ameaças, humilhações e controle de liberdade, como proibir o estudo ou o trabalho; agressões sexuais, impedimento de contraceptivos, aborto forçado, entre outros abusos; patrimonial, por meio de retenção de documentos, destruição de bens e controle financeiro; e moral, como calúnia, difamação e injúria.

Também como foco na base, é preciso criar condições para que as novas gerações cresçam sem reproduzir a violência de gênero e capazes de reagir prontamente a elas. A escola pode ter um papel estratégico nessa empreitada, mas não deve ser a única responsável. É principalmente nas famílias que se constroem valores de respeito às diferenças

e à cultura de paz. Infelizmente, é também nos lares brasileiros que se pratica boa parte dos abusos contra as mulheres.

Segundo dados do Atlas da Violência, a residência foi o local de 65,8% dos feminicídios ocorridos no país, em 2023. Já o Observatório da Mulher contra a Violência (OMV) revela que, de novembro de 2024 a novembro de 2025, em 71% dos casos de agressões contra mulheres havia ao menos uma testemunha e em 70% desses casos havia crianças no ambiente. E mais: em 40% dos crimes com testemunhas, a vítima não recebeu ajuda. Sem um envolvimento de homens, vizinhos, colegas de trabalho, da igreja, entre outras instituições, não se mudam essas estatísticas.

Há de se ressaltar que as expressões de violência não estão circunscritas aos lares. A depreciação da mulher está espalhada nas escolas, nos locais de trabalho e até mesmo em instâncias de poder oficializado, como órgãos públicos. Em relação à violência política, a ministra Márcia Lopes antecipou que está desenvolvendo uma lei geral não só para a violência doméstica, “mas também digital e política contra as lideranças femininas, visando combater o retraimento das mulheres nesses espaços”.

Hoje, há grupos masculinos que condenam e combatem o machismo. Ainda que não sejam numericamente expressivos, representam um grande avanço, ao se tornarem parceiros da luta das feministas e, sobretudo, condenarem a violência contra mulheres. Eles reconhecem que é necessário reeducar os seus iguais para um relação respeitosa e não agressiva com as amigas e parceiras.

Não faltam, portanto, projetos e boa vontade. Mas é preciso partir para a prática ampliada. Um país que diariamente enterra vítimas do feminicídio precisa de um pacto coletivo que extirpe de vez a covardia que ameaça mais da metade da sua população.



RODRIGO CRAVEIRO
rodrigo.craveiro@gmail.com

Trump, o xerife do mundo

Em menos de um ano à frente da Casa Branca, Donald Trump, provavelmente, surpreendeu até mesmo os mais pessimistas. Ao atacar a Venezuela e capturar Nicolás Maduro, o presidente dos Estados Unidos violou o direito internacional, além de desprezar a soberania e a integridade territorial de outro país. A deposição de uma liderança política, ainda que seja autoritária, revela-se ainda mais absurda quando não se apresenta nenhum plano de contingência ou proposta para a nação alvejada. Maduro caiu, mas o regime segue de pé. A vice, Delcy Rodríguez, assumiu o poder; os ministros Diosdado Cabello (Interior) e Vladimir Padrino López (Defesa), tão ou mais radicais do que o ditador venezuelano, seguem inabaláveis em seus postos de comando. Com a devida licença, parafraseando a campanha política do democrata Bill Clinton, na eleição de 1992, “é o petróleo, estúpido”.

É inadmissível que o presidente da nação mais poderosa do planeta — ou seria a China? — não leve em conta os potenciais desastres de ações bélicas na América Latina ou em qualquer outro lugar. Nos últimos dias, Trump ameaçou uma ofensiva terrestre contra cartéis do narcotráfico no México (parece ter recuado), não descartou um ataque à Colômbia (do presidente esquerdista Gustavo Petro), sinalizou com ações punitivas contra Cuba e mostrou os dentes para o Irã, no momento em que o regime teocrático islâmico reprime manifestações com violência desmedida.

É esse mesmo líder que se acha merecedor do Nobel da Paz e sugeriu a Maria

Corina Machado que lhe entregasse todo o prêmio, depois que a líder opositora ofereceu dividir a honraria com o republicano. Um escárnio ao bom senso e à lógica. Na semana passada, conversei com venezuelanos sobre o cenário político e econômico no país. Com medo de serem identificados pelo nome completo, muitos deles asseguraram que nada mudou. A onda repressiva segue arrastando civis para as masmorras do Helicoide, o famigerado centro de tortura de Caracas; grupos armados leais ao chavismo semeiam o terror; e a economia mantém a deterioração registrada nos últimos anos.

Questionado se atacaria a Rússia para depor Vladimir Putin, Trump disse que “não seria necessário”. Sabe que cutucaria um ninho de serpentes. Provavelmente acredita que a paz na Ucrânia não compensaria o risco de despertar velhos fantasmas da Guerra Fria. Ao mesmo tempo, ele faz um jogo duplo com Putin — um “bate e assopra” — e evita imiscuir-se em uma cobrança mais incisiva contra Moscou. Também desqualifica a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), pois a vê como uma ameaça real à supremacia militar norte-americana e aos anseios expansionistas da Rússia. Em relação à situação na Faixa de Gaza, a tão prometida paz não passa de utopia.

No cenário interno, Trump chancela o uso da Guarda Nacional para militarizar cidades democratas, sob a desculpa de combater a criminalidade. Pouco importa se as tropas assassinam civis e aterrorizam a população. Faltam três anos de governo. Salve-se quem puder...

Editora: Carmen Souza // carmensouza.df@dabr.com.br
opiniao.df@dabr.com.br || 3214-1157



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Irã

Quando o Hamas invadiu Israel e, em contrapartida, as Forças de Defesa desse país retaliaram os terroristas, inevitavelmente, vitimando brutalmente a população civil da Palestina, levantaram-se estudantes, artistas e o governo brasileiro contra o genocídio praticado pelo Estado judeu. Bandeiras palestinas foram agitadas no mundo inteiro em defesa da ditadura imposta à Palestina pelo Hamas. Quando forças americanas retiraram Maduro da Venezuela, apareceram grupos indignados a agitar bandeiras venezuelanas e a se manifestar em defesa da soberania daquele país. Enquanto venezuelanos festejavam, os manifestantes se pronunciavam em defesa da ditadura chavista de 25 anos. Agora, quando os iranianos promovem os mais volumosos protestos contra o governo, cuja Guarda Revolucionária Islâmica e milícia Basij estão massacrando os compatriotas, tendo já assassinado cerca de 12 mil, segundo informações internacionais, e condenado muitos à forca, não se ouve nenhum protesto desses ditos defensores da democracia e da soberania. Onde estão os estudantes, os artistas, o governo brasileiro para tomar posição contra o massacre do povo iraniano? Todos calados, mas, certamente, se Trump empreender uma ação militar em favor dos iranianos, todos eles sairão do mutismo para defender a ditadura dos aiatolás contra o povo. Democracia e soberania, para eles, são só discurso. Eles têm amor mesmo pela ditadura.

» Roberto Doglia Azambuja
Asa Sul

Irã 2

As graves violações de direitos humanos no Irã — com repressão, mortes e perseguições — contrastam com a inércia de organismos internacionais que deveriam agir em defesa da vida. Direitos humanos não podem ser seletivos nem subordinados a interesses políticos. O silêncio diante da violência é um alerta grave e compromete a credibilidade das instituições globais.

» Abraham Goldstein
São Paulo

Irã 3

Erfan Soltani, um jovem iraniano, deve ser executado pelo regime de seu país. Preso em casa por protestar contra o governo, ele recebeu a sentença de morte sob a acusação de “inimizade contra Deus”. O desfecho trágico confirma a máxima de Ariano Suassuna: “O fanatismo e a inteligência nunca moram na mesma casa”.

» Gilberto Pereira Tiriba
Embaré (SP)

Deflação

Enquanto a taxa Selic for mantida acima do que deveria ser, há um custo para a capacidade de o Estado prover o resto dos serviços públicos. Existe um custo de oportunidade. Acabamos priorizando apenas e tão somente essa agenda, que beneficia quem tem liquidez,

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

As eleições de 2026 começaram no ano passado. O volume de recursos destinado às emendas parlamentares é testemunha dessa antecipação do pleito.

Eduardo Fonseca — Brasília

Celina Leão: mais entregas com menos gastos.

Abrahão F. do Nascimento — Águas Claras

Prêmio Nobel da Paz para quem só fala em guerra é negacionismo extremo.

Marcos Figueira — Sudoeste

Os protestos que persistem no Irã, apesar da repressão que já tirou ao menos 200 vidas, revelam que há momentos em que a dor supera o medo. A violência do Estado tenta calar as vozes, mas acaba expondo o que mais teme: uma população que descobriu que o silêncio custa mais caro que a coragem.

Paccelli M. Zahler — Sudoeste

Governo registra queda de 98,77% de garimpos ilegais na Terra Yanomami. Fiscalização é essencial para conter os genocídios, basta que o poder público cumpra as leis e tenha compromisso com as vidas.

Herica Lee — Jardim Botânico

quem já tem alguma capacidade de poupança, em detrimento da população mais vulnerável. O problema é só a despesa primária? Não. É o problema de pensar a sustentabilidade. Estamos acostumados com inflação, muitos de nós sobrevivemos a superinflações, temos lembranças de infância das superinflações e de como elas nos atingiram, e só. Nunca vivemos um cenário de deflação para saber como ela funciona, como vai afetar a vida prática das pessoas. E como isso afeta a maneira de fazer política fiscal e monetária. O Brasil de hoje não é o mesmo do de 20 anos atrás, é um Brasil passível de entrar em um processo de depressão econômica.

» Renato Mendes Prestes
Águas Claras

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA	SEG/SÁB	DOM
Localidade		
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00

Assine
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61)99966.6772 Whatsapp

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

ASSINATURAS*
SEG a DOM
R\$ 1.187,88
360 EDIÇÕES
(promocional)

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2586 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS D.A

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br